

## *Procissões sacras: arte e equipamentos no universo das confrarias*

Paula Cristina Machado CARDONA<sup>1</sup>

### **Resumo:**

*No contexto da encomenda artística, as procissões sacras apresentam-se como cenário ideal para entender e decodificar uma variada tipologia de objectos artísticos, bem como a relação que se estabelece, entre a sua função e os seus utilizadores.*

*Tendo por base a documentação dos arquivos Histórico Municipal de Ponte de Lima e do Arquivo do Instituto Limiano Museu dos Terceiros foi possível construir um conjunto de indicadores, sobre uma panóplia de equipamentos e objectos artísticos, que serviam as procissões e festas sacras realizadas na Vila de Ponte de Lima na época moderna, dando especial enfoque aos seus encomendantes, em particular as confrarias.*

### **Abstract:**

*As far as the order of artistic objects is concerned, religious processions are the ideal scenery to understand and decode varied kinds of artistic objects, as well as the relation established between their function and their users.*

*Based on the documents of the Ponte de Lima Historical Archive and the Archive of the Instituto Limiano Museu dos Terceiros it was possible to gather a number of indicators on a set of equipments and artistic objects used in the processions and sacred celebrations in Ponte de Lima, in modern times, with special mention to their buyers, particularly brotherhoods.*

As procissões, sobretudo sacras, encerram um grande valor simbólico e estão associadas a uma dinâmica festiva e popular.

Nesse quadro de valor são múltiplos os sujeitos activos, intervenientes da procissão, como numerosos são os seus espectadores, a procissão traduz sempre uma prática comunitária, um movimento de ritualização destinado à devoção colectiva por oposição à peregrinação que é na maior parte dos casos mais circunscrita e individual.

A primeira forma processional da religião cristã surge, mas não de forma regular após a paz constantiniana (313), estas procissões eram na sua essência de carácter solene e estavam associadas a rituais fúnebres.

---

<sup>1</sup> Investigadora em exclusividade do Centro de Estudos Economia e População da Universidade do Porto

Nos séculos subsequentes as procissões sacras começam a integrar as celebrações eucarísticas, a este propósito, veja-se a descrição do *V Ordo Romanus* (séc. X, in Andrieu, II, 1921, pp.209-227) “*Ordo processionum ad ecclesiam sive missam secundum Romanos*”.

Como resposta às exigências da devoção popular, o século XIII, vai assistir à exteriorização da procissão, incrementa-se o ritual processional para fora do espaço da igreja e da missa.<sup>2</sup>

Da mais antiga procissão que se recorda, a que celebra a apresentação de Jesus no Templo, com origem no oriente, difundida em Roma no período de Sérgio I (687-701) e adaptada do decurso da época medieval na procissão mariana da Candelária, o ritual processional evolui em crescendo até atingir o seu máximo expoente no período Barroco. Regista-se assim, a procissão da palma, de origem oriental e ainda hoje popular e traduzida no tradicional ritual de bênção dos ramos; a procissão do círio que abre a vigília pascal; a procissão da trasladação das relíquias, muito frequente na Idade Média; a procissão por motivos e causas públicas – fome, pestes, calamidades e fenómenos meteorológicos, etc.; a procissão do período quaresmal; a procissão de *Corpus Christi*, a mais importante do ritual processional eucarístico e finalmente a procissão em honra da virgem e dos santos, que nasce e difunde-se após a Idade Média, nas quais se expunham as relíquias, as imagens e estátuas de forma espectacular e aparatosa com grandiosos acompanhamentos populares que encontra a sua expressão mais eloquente, como afirmámos, no período Barroco.<sup>3</sup>

Nesta época, as procissões transformam-se em grandes festivais urbanos, têm como cenário ideal as cidades, como epicentro a igreja e a praça que a envolve, implicavam um itinerário muito bem definido, percorrido por uma massa humana em movimento pelas ruas mais importantes que se preparavam cuidadosamente, a preceito para estas ocasiões.

No caso das procissões solenes do Santíssimo, as ruas eram meticulosamente limpas e as fachadas das casas (paredes e janelas) eram ornamentadas com as “*melbores alfyas, & armações, que a industria puder have*.”<sup>4</sup>

Glorificar e louvar a Deus, honrar os Santos, são as duas premissas basilares para que se realizem as procissões sacras, rituais em que toda a comunidade cristã era convidada a participar e participava espontânea e voluntariamente. A razão das massivas adesões populares a este tipo de manifestações, estão profundamente enraizadas na necessidade da comunidade, colectiva ou individualmente, exorcizar medos, cimentar crenças, obter a protecção divina, alcançar a salvação das almas.

“*Por quanto as procissoens sorão ordenadas na Santa Igreja para gloria, & louvor do Senhor, & honra de seus santos: & para que, juntos os fieis Christãos em hum mesmo espírito, possam mais facilmente alcançar de Deos remédio, & favor em suas necessidades*”<sup>5</sup>

Na linha da frente, a igreja impulsionará estes rituais públicos de caris devocional, dirigidos preferencialmente a grandes comunidades, na maior parte dos casos urbanas,

<sup>2</sup> MONTEVECCHI, Benedetta; ROCCA, Sandra Vasco – *Suppletile ecclesiastica*, ed. Ministero per il Beni Culturali e Ambientali, Istituto Centrale per il Catalogo e la Documentazione. Florença, 1987, pp. 322-323

<sup>3</sup> Idem, *ibidem*

<sup>4</sup> Tesouro de Ceremonias ...composto por João Campelo de Macedo, tesoureiro mor da Capela Real acrescentado pelo padre João Duarte, pároco da igreja dos Reis do Campo Grande, oficina de António Pedrozo Galvão. Lisboa: 1697, p. 348

<sup>5</sup> *Constituições Sinodais de Braga ordenadas pelo ilustrissimo arcebispo D. Sebastião de Matos no ano de 1639* ... Lisboa: 1697, p. 300

mas fazendo depender integralmente da sua apertada regulamentação a prática destas manifestações.

As Constituições Sinodais do Arcebispado de Braga regulamenta, desde logo, o modo como devia ser organizado o ritual processional: *“ordenamos & mandamos, que se fação com toda a veneração possível, & encomendamos muito, que vão todos nellas com muita quietação, cantando. Ou rezando, sem praticarem, nem conversarem huns com os outros: & que vão os homens apartados das mulheres, por evitar escândalos: & que se ordenem de maneira, que todos os que forem oução Missa, ou antes ou depois, principalmente sendo dia de obrigação da Igreja”*.<sup>6</sup>

Refere quem deve participar e como: *“Todos os Clerigos, que forem nas ditas Procissoens, irão com sobrepelizes sans e limpas sobre lobas, ou roupetas atè o artelbo & com barretes. E os que levam cruces, irão com toda a decência possível, & fação por levar sobrepelizes, ou veste de alguma confaria. E assim os Clerigos, como as pessoas, que ouverem de levar as ditas Cruces, & mais gente do povo, se ajuntarão todos a tempo (...)”*<sup>7</sup>

Tipifica as procissões, distinguindo as solenes - as de *Corpus Christi*, as comuns - fome, peste, guerra e outras necessidades e as que se realizam em honra dos santos.

Finalmente, dão particular relevo à forma como a procissão deve ser apresentada *“quando determinamos se fação, se devem ordenar com todo o apparatus, & ornato possível, principalmente, quando nelas for o Santíssimo Sacramento da Eucaristia; e no dia de Corpus Christi com especial razão por ser tam encomendada pelos sagrados cânones, concilio Tridentino, & Leys seculares, recebida, & approvada por costume geral da igreja”*.<sup>8</sup>

Este conceito de aparato e ornato, na sua dimensão mais superlativa, permite-nos enquadrar a procissão como uma manifestação de importância e significado artístico. De facto as procissões, sobretudo na época moderna, porque se apresentam como uma manifestação de grande expressão pública devocional, transformaram-se em cenários ideais do mais eloquente diálogo entre poder e arte. Este cenário expunha, apresentava e utilizava uma panóplia de objectos artísticos, dos mais sumptuosos que arte sabia e podia fabricar, tendo em linha de conta que estas manifestações eram terreno fértil para o exercício da opulência servida por uma estética de efeito. Trata-se de exibir o melhor, o mais rico e mais ostensivo. Poder temporal e poder espiritual unem-se na mais complexa das semânticas, na qual a arte é posta ao serviço do *marketing* político e religioso que se resume a uma simples equação - poder e arte.

As procissões sacras determinaram a criação de um conjunto de objectos artísticos constituídos por uma variada tipologia de equipamentos, inúmeros objectos litúrgicos produzidos com distintas matérias-primas que se organizavam de forma complexa e aparatosa nos diferentes alinhamentos processionais e que variavam de acordo com a importância da procissão, dos seus intervenientes e dos seus espectadores. Todos estes objectos e equipamentos constituem de forma sumária o que se designa por objectos processionais e aqui as questões impõem-se: quem os encomenda, quando e como eram utilizados, que função específica servem.

---

<sup>6</sup> Idem, *ibidem*

<sup>7</sup> Idem, *ibidem*, p. 301

<sup>8</sup> Idem, *ibidem*, p. 302

Para o cabal esclarecimento destas questões utilizaremos as informações por nós exaradas de documentos pertencentes essencialmente a dois arquivos, Arquivo Histórico Municipal de Ponte de Lima e Arquivo do Instituto Limiano Museu dos Terceiros que permitiram a construção de um conjunto de indicadores relativos à realidade da Vila de Ponte de Lima, aos seus encomendantes e ao tipo de encomenda artística reservada às procissões.

Ao nível dos encomendantes a nossa atenção convergiu essencialmente para as corporações laicais - as confrarias, sendo obrigatória nesta vertente da análise, um olhar mais detalhado para o papel que lhes coube enquanto impulsionadoras do desenvolvimento da actividade artística local.

A Colegiada Matriz de Ponte de Lima era o palco de todos os acontecimentos da vida religiosa desta comunidade e em particular destas manifestações devocionais. Como se organizava então este espaço?

A resposta encontramos-a num manuscrito datado de 7 de Janeiro de 1709 que aponta um conjunto de regras, usos costumes, privilégios e obrigações entre os quais as procissões.

### **Usos e costumes da matriz de Ponte de Lima**

A paróquia tinha para além do prior, pároco municipal, um beneficiado tesoureiro, e outros três beneficiados. Tinham por obrigação rezarem missas conventuais cantadas aos domingos e dias santos.

A matriz tinha quatro ecónomos, cujos beneficiados eram do padroado real, rezavam as horas canónicas e missa três dias por semana: terças, quartas e sextas-feiras, isto porque à segunda-feira era celebrada a missa dos Fieis de Deus, às quintas-feiras eram as missas da confraria do Espírito Santo, e aos sábados, a missa da confraria de Nossa Senhora a Grande padroeira da Igreja.

Para além destas obrigações, os três beneficiados e os quatro ecónomos, oficiavam no coro as missas conventuais cantadas aos domingos e dias santos; eram obrigados a acompanhar as procissões das Ladainhas de Maio e Quaresma. Estas procissões faziam o circuito pelas capelas da vila, Misericórdia e à volta da igreja Matriz; também acompanhavam a procissão de São Vicente que ia à capela de Nossa Senhora da Guia, por ter a imagem do Santo; Dia da Invenção da Cruz, cuja procissão vinha de Refoios a acompanhar o Santo Lanho, juntando-se à procissão da vila que acabava na Matriz.

Todas as confrarias da Matriz de Ponte de Lima estavam dependentes da autorização do pároco, para exercerem as suas funções litúrgicas, não podendo ser rezada missa sem consentimento do mesmo. Contudo é aberta uma excepção à confraria do Espírito Santo, que se achava na posse de um privilégio que lhe permitia usar a Matriz nas suas funções de quinta-feira e nas festas, sem necessitar da prévia autorização do pároco.<sup>9</sup>

Como podemos constatar, o documento faz alusão às procissões que obrigatoriamente se faziam e às festas no capítulo reservado aos privilégios da confraria do Espírito Santo.

---

<sup>9</sup> Arquivo do Instituto Limiano Museu dos Terceiros, *Usos e Costumes da Colegiada Matriz de Santa Maria Dos Anjos*, 1709

### **As celebrações festivas e as procissões no universo das confrarias**

A Semana Santa foi desde o século XVII, considerado o mais importante acontecimento da vida religiosa. Festa maior com procissões sumptuosas, o esplendor era tónica dominante neste calendário litúrgico que procura acentuar e sublinhar a doutrina contra-reformista.

O contributo das confrarias, nas festas e procissões era por isso, inestimável. Olham estes acontecimentos com particular atenção, até porque tiram deles, altos dividendos, uma vez que por esta via incrementavam a devoção popular, aumentando o contingente de confrades que se alistavam nas suas fileiras.

A confraria confere de facto, grande importância às festas dos seus oragos e ao aniversário da sua fundação, manifestações essas que incluíam rituais processionais na sua essência de cunho devocional.

No momento da sua instituição, as confrarias tinham a preocupação de definir estatutariamente o calendário das suas festas e procissões. Estas acções reflectem e reforçam o carácter popular das confrarias, dimensionando simultaneamente a força devocional de cada uma delas.

### **Confraria do Espírito Santo**

O capítulo segundo dos estatutos de 1751, determinava a realização da festa do seu orago, o Divino Espírito Santo, na terça-feira segunda Oitava da Páscoa;<sup>10</sup> organizavam dois cabidos gerais<sup>11</sup> na quinta-feira a seguir ao Natal e à Páscoa. Esta iniciativa integrava uma missa solene e uma procissão à volta da igreja em louvor do Divino Espírito Santo; comemoravam anualmente o aniversário da morte dos seus irmãos, rezando às quintas-feiras uma missa no altar-mor. As quintas-feiras reservavam também os confrades para a denominada *Missa do Giro*.<sup>12</sup>

### **Confraria de Nossa Senhora da Expectação**

A sua festa principal realizava-se no dia 21 de Dezembro. Em 1732, a confraria decide que em todos os Domingos e dias santos se rezasse uma missa pela alma dos seus irmãos.<sup>13</sup>

Na sequência das indulgências concedidas por Braga, a confraria estipulará no ano de 1742, as datas das suas quatro festas principais e da festa acessória. Realizava-se no dia 23 de Janeiro o dia dos Esponsais de Nossa Senhora; a 19 de Março o dia de S. José; na primeira segunda-feira depois dos oitavados da Páscoa comemoravam o

---

<sup>10</sup> CARDONA, Paula Cristina Machado, O Perfil Artístico das Confrarias em Ponte de Lima na Época Moderna, 1997. Faculdade de Letras da Universidade do Porto [Tese de doutoramento policopiada], 3 Vols. Vol. 2, Anexo III, Confrarias, confraria do Espírito Santo, Nº 150, p. 173

<sup>11</sup> Os estatutos da irmandade do Espírito Santo de 1633, determinavam a realização de três cabidos Gerais que se realizavam nas terças-feiras dos oitavados do Espírito Santo, quintas-feiras das oitavas do Natal, quinta-feira das oitavas da Páscoa. Caracterizavam-se por reuniões onde tinham assento todos os irmão clérigos e leigos e destinavam-se a discutir todos os assuntos referentes à confraria.

<sup>12</sup> Idem, p. 175

<sup>13</sup> Idem, Nº 8, p. 326. Esta decisão será reforçada por outro termo de Mesa datado de 2 de Dezembro do mesmo ano (Nº 9, p. 236-237)

“*Gaudiorum Beate Maria*”; a 2 de Junho, a celebração da Visitação “*Beate Maria*” e a 21 de Dezembro celebravam a festa da Senhora da Expectação.<sup>14</sup>

A confraria celebrava também festa em honra de Santa Teresa, instituída em 1734, por escritura de obrigação entre esta instituição e o Dr. Manuel Carneiro de Lima, na sequência da doação feita por este último de uma imagem com a referida invocação.<sup>15</sup>

Em 1796, a confraria delibera que a festa da Senhora devia ser solene, com exposição do Santíssimo Sacramento.<sup>16</sup>

Quanto às procissões, a confraria integrará em 1748 por decisão da Mesa desse ano, a procissão do Santíssimo, facto que se repetirá em 1796 por solicitação da Confraria do Santíssimo Sacramento.<sup>17</sup> Participou numa procissão de preces, realizada a 18 de Setembro de 1746, desfilando com o andor de Santa Teresa.<sup>18</sup>

### **Confraria do Santíssimo Sacramento**

Directamente envolvida nas celebrações da Semana Santa, esta confraria exaltarà inúmeras vezes que a mesma devia ser feita com “[...] *Todo o brillantismo e decencia*[...]”.<sup>19</sup>

A festa do Santíssimo Sacramento, estabelecido pelo calendário litúrgico, realizava-se no último Domingo de Maio, merecendo por parte da confraria uma cuidada atenção, concorrendo com todos os seus recursos para assegurar que este ritual processional tivesse grande solenidade e máxima dignidade. A procissão integrava danças alegóricas<sup>20</sup> e desfiles com o Santíssimo e outras imagens nos seus andores.<sup>21</sup> Participavam activamente nas procissões de Corpus Christi, juntamente com as restantes corporações.

Segundo os seus estatutos, reservavam para a quinta-feira Maior a exposição do Santíssimo Sacramento e mandavam rezar uma vez por mês uma missa cantada que se complementava com procissão.<sup>22</sup>

### **Confraria de Nossa Senhora do Carmo**

O dia de Nossa Senhora do Carmo era comemorado a 26 de Maio e incluía uma missa rezada na sua capela.<sup>23</sup>

O dia da festa da confraria, celebrava-se a 10 de Julho ordenavam os estatutos que esta cerimónia devia ser feita com o Santíssimo Sacramento exposto, devendo a missa ser cantada e composta por dois sermões. Por outro lado, em qualquer festa de Nossa

---

<sup>14</sup> Idem, Nº 17, p.239-240

<sup>15</sup> Vol. 2, Anexo II, Núcleo Notarial, Nº 15, p. 85

<sup>16</sup> Confraria de Nossa Senhora da Expectação, Nº 56, p. 254-255

<sup>17</sup> Idem, Nº 30, p. 244

<sup>18</sup> Idem, Nº 25, p. 242

<sup>19</sup> Confraria do Santíssimo Sacramento, Nº 31, p. 275. Em 1830, a Mesa determinava que para maior decência da solenidade, se deviam ornamentar seis anjos com emblemas adequados. ( Nº 32, p. 276)

<sup>20</sup> Confraria do Santíssimo Sacramento, Nº 4, p. 264

<sup>21</sup> Idem, Nº 10, p. 267

<sup>22</sup> Confraria do Santíssimo Sacramento, P. 283

<sup>23</sup> Confraria de Nossa Senhora do Carmo, Nº 8, p. 288-289

Senhora, nos Sábados e Domingos, devia ser dita uma missa em honra da Senhora do Carmo.<sup>24</sup>

Nos terceiros Domingos de cada mês, a confraria organizava uma procissão, desfilando os confrades com a imagem de Nossa Senhora do Carmo.<sup>25</sup>

### **Confraria de Nossa Senhora a Grande**

Organizava a festa de Nossa Senhora da Assunção, padroeira da Vila de Ponte de Lima, que se realizava no dia 15 de Agosto, com missa solene, exposição do Santíssimo, sermão e procissão.

Celebrava ainda a festa de São Cristóvão, no dia 25 de Julho, integravam estas celebrações, uma missa solene e sermão.

Rezavam uma missa em louvor de Maria Santíssima, todos os Sábados, excepto no Sábado referente à celebração da Semana Santa.<sup>26</sup>

Como se observa, a propósito das confrarias que mencionámos, em rigor, todas estas instituições definiam nos seus estatutos o calendário das suas festas e procissões, que representavam pontos altos na sua missão devocional.

Cada cerimónia com os seus momentos específicos, temporais e espirituais, implicava a utilização de um conjunto de objectos, com significado e valor simbólico e funcional próprio. Estes objectos concorriam para o complemento cénico do ritual processional a vários níveis: imagens processionais, andores, pálios, equipamentos destinados a armações, objectos ligados à eucaristia, outros destinados a incensar, outros usados na ablução e aspersion e ainda outros destinados à iluminação, enfim equipamentos que as confrarias a seu cargo providenciavam, influenciando de forma transversal todas as artes – artes da madeira, pintura, ourivesaria e prataria, têxteis.

### **Máquinas processionais e Imagens processionais**

#### **Confraria do Espírito Santo**

Desta tipologia de objectos artísticos encomendados especificamente para as procissões, descortinámos, num inventário da confraria do Espírito Santo datado de 1631, a referência de um retábulo usado nas procissões - *Hum retabolo que serve nas proçoçoins com seu panno de rede*<sup>27</sup>; em 1637, novamente numa relação da fábrica da confraria aparece registado o mencionado retábulo processional com insígnia do Espírito Santo.<sup>28</sup>

Julgamos trata-se de um passo processional, designado por máquina processional que servia para levar nas procissões imagens de santos ou composições escultóricas com temáticas relacionadas com a vida dos santos e ou episódios sacros. Estes equipamentos eram compostos por um embasamento, mais ou menos elaborado, sobre o qual se montava uma ou um grupo de imagens, habitualmente de tamanho natural retratando

---

<sup>24</sup> Idem, p. 304

<sup>25</sup> Idem, p. 305

<sup>26</sup> Confraria de Nossa Senhora a Grande, p. 307

<sup>27</sup> Anexo III, Confrarias, confraria do Espírito Santo, Receita e Despesa, Nº 2, p. 177

<sup>28</sup> Idem, Nº 4, p. 178

episódios sacros de grande efeito cenográfico. Podiam ser construídos em madeira entalhada, pintada e dourada, cartão ou metal.

Um outro inventário da confraria de 1664 menciona uma imagem do Espírito Santo numa caixa fechada.<sup>29</sup> Provavelmente trata-se da imagem processional que aparece claramente referida com essa designação no inventário de 1692. “Huma *imagem grande do Divino Espírito Santo, outra pequena que serve nas procissões com sua caixa.*”<sup>30</sup>

Outro inventário elaborado entre 1701-1727, refere as mesmas imagens informando que uma imagem estaria colocada no altar da confraria e outra servia nas procissões.<sup>31</sup>

Por determinação da Mesa em 18 de Maio de 1752, a imagem processional do Espírito Santo é consertada.<sup>32</sup> Obra entregue ao mestre pintor dourador limiano Vitório Soares, por preço de 3.000 réis. O Livro da Receita e Despesa do ano de 1753 - 1754, regista: “*Despesa com Vitorio Soares por estofar a imagem do Espirito Santo piqueno - tres mil réis 3000.*”<sup>33</sup> Nesta Mesa é ainda decidido comprarem uma imagem pequena para as procissões.<sup>34</sup>

### **Confraria de Nossa Senhora do Carmo**

No inventário elaborado em 1720 foi possível identificar a imagem da padroeira da confraria - Nossa Senhora do Carmo, com coroa de prata colocada no seu altar e uma imagem mais pequena da virgem com o menino pertencente a um oratório, possuindo ambas imagens coroas de prata. Deste inventário destaca-se por fim uma imagem de Cristo.<sup>35</sup>

O inventário de 1822, para além de registar imagem grande de Nossa Senhora do Carmo, localizada no altar da confraria, informa-nos da existência de outra imagem da Virgem com o Menino, mais pequena, usada exclusivamente nas procissões e situada num oratório.<sup>36</sup>

Estes dois exemplos revelam claramente que a imagem processional conferia o sinal de reconhecimento da memória devocional da confraria, ocupando um lugar de destaque no culto e no ritual processional.

### **Pálio Processional**

Equipamento usado nas procissões destinado a cobrir o Santíssimo Sacramento, Santos Óleos na Sexta Feira Santa, relíquias, estátuas ou alto dignitário eclesiástico. Era uma estrutura composta por uma armação com 4, 6 ou 8 varas cobertas de tecido.

No caso das confrarias em análise registemos a encomenda integral ou parcial para este tipo de equipamentos.

---

<sup>29</sup> Idem, Nº19, Nº20, p. 186

<sup>30</sup> Idem, Nº 54, p. 201

<sup>31</sup> Idem, Nº 56, p. 205

<sup>32</sup> Idem, Nº 82, p. 142

<sup>33</sup> Arquivo do Instituto Limiano Museu Dos Terceiros, Livro em que se Lança o Recibo e Despesa na Forma dos Estatutos, 1750-1780, Confraria do Espírito Santo, fls. 27v.; 30-31v.

<sup>34</sup> Idem, Nº 67, p. 136

<sup>35</sup> Idem, p. 296; 299

<sup>36</sup> Idem, p. 300

A confraria do **Espírito Santo** decide em 1659, adquirir um palio em tela e tecido de brocado para as procissões<sup>37</sup>; nova referência surge em 1760, relativa a um pálio composta por seis varas<sup>38</sup>; aquisição de varas destinadas ao pálio<sup>39</sup>; menção ao pálio em tela rosado de tafetá carmim com franja e seis borlas de ouro<sup>40</sup>.

Confraria do **Santíssimo Sacramento** registo relativo à elaboração de seis varas, cobertas de latão destinadas ao palio.<sup>41</sup> O inventário de 1852 alude ao palio em tecumã<sup>42</sup> de ouro com seis borlas, galões e franção fino em ouro.<sup>43</sup>

Confraria de **Nossa Senhora do Carmo**, o inventário de 1720 arrola um pálio em damasco branco com todos os seus aparelhos<sup>44</sup>

### A prataria das procissões

As confrarias desempenharam um importante papel no processo de encomenda de todo o tipo de objectos e equipamentos artísticos, dos quais mereceu da sua parte especial destaque a prataria sacra. Estas encomendas envolviam, na maior parte dos casos, avultadas somas de dinheiro. Peças, executadas vulgarmente em prata e em alguns casos em ouro, eram regra geral encomendadas nos grandes centros do norte do país, Porto, Braga e Viana, apesar de não ser despicienda a actividade dos ourives limianos.

O volume e o ritmo da encomenda destes objectos dependiam da necessidade de substituição de peças que com o uso e com o tempo se degradava; de questões de moda, ditando novos contextos estéticos e sobretudo porque estes objectos eram fundamentais à prática do ritual litúrgico.

Estas alfaías constituíam para a confraria uma marca incontornável de poder e identidade, reflectiam também, para os olhos dos seus confrades e da comunidade em geral, solidez financeira. Estas questões estão bem patentes na confraria do Espírito Santo que em 1624, a 11 de Janeiro, por decisão do juiz, é executada uma cruz de prata, para substituir a anterior dizendo textualmente o documento: “[...] *mandassem fazer huma cruz do tamanho he feitio que lbes parecesse de feição e modo que huma confraria tam honrrada como esta tem necessidade* [...]”<sup>45</sup>

A mesma confraria delibera em reunião da Mesa de 1818, mandar fazer uma cruz, varas, turíbulo e naveta em prata, a imposição da utilização da prata é justificada pelo facto de qualquer outro material não ter a duração, nem o requinte necessários ao culto.<sup>46</sup>

<sup>37</sup> Idem, N.º 4, p. 110

<sup>38</sup> Livro dos Termos de Mesa, 1760, 27 de Novembro, N.º 135, p. 165

<sup>39</sup> Livro em que se Lança o Recibo e Despesa na Forma dos Estatutos, 1774, N.º 121, p. 232

<sup>40</sup> Recibo e Despesa, Livro das Contas, 1658, N.º 18, p. 185

<sup>41</sup> Livro da Receita e Despesa, 1796, N.º 7, p. 228

<sup>42</sup> Variedade de palmeira cujas fibras, curtas e finas (tecum) são têxteis e servem para fazer redes e fios de pesca

<sup>43</sup> Inventário 1852, N.º Pp. 284 - 286

<sup>44</sup> Livro do Inventario, 1720 – 1834, p. 296

<sup>45</sup> Anexo III, Confrarias, Confraria do Espírito Santo, N.º 13, p. 115

<sup>46</sup> Idem, N.º 104, p. 150

Esta preocupação pelo ornato ostentatório é uma constante destas confrarias, como se ilustra uma vez mais, com o exemplo da confraria do Espírito Santo que determina em 1749 a aquisição de sedas, damascos; galões de ouro e prata para enriquecimento da sua fábrica.<sup>47</sup>

No que concerne à confraria do Santíssimo Sacramento, registamos a decisão de Junho de 1799, de mandar executar um novo relicário para as procissões, para exposição do Santíssimo Sacramento, uma vez que a custódia se devia destinar ao trono por ser muito pesada, tornando impraticável a sua portabilidade nas procissões.<sup>48</sup> O relicário foi adquirido em 1799, por preço de 85.440 réis.<sup>49</sup>

Esta mesma confraria mandará executar em 1852 uma cruz de prata destinada igualmente às procissões.<sup>50</sup>

A confraria de Nossa Senhora do Rosário, por seu turno encomenda em Fevereiro de 1802, uma cruz processional, em prata para substituir uma anterior.<sup>51</sup>

Da vasta tipologia de alfaia litúrgica que mais encomendaram as confrarias, queremos destacar em particular as de cunho marcadamente devocional que se dirigiam ao rito processional – varas, campainhas, cruzes processionais, insígnias de confrarias, lanternas, umbelas, candelabros processionais e outros objectos de cariz devocional, que em regra serviam de adorno às imagens.

### **As alfaia Litúrgicas usadas nas procissões, registadas nos inventários das confrarias da Matriz de Ponte de Lima**

CATEGORIAS	CARACTERÍSTICAS E FUNÇÕES	INVENTÁRIOS DAS CONFRARIAS DA MATRIZ DE PONTE DE LIMA
Objectos Processionais	<b>Vara Processional:</b> Vara em metal usada durante uma procissão pelos membros de uma confraria religiosa. A vara do juiz era geralmente em prata. A vara processional, apresenta-se com um castão, uma cruz, a insígnia ou uma estátua representando o orago da confraria.	<b>Espírito Santo</b> Duas varas de prata do Juiz e Chamador da confraria Três varas de prata  <b>Santíssimo Sacramento</b> Varas de prata do Juiz  <b>Nossa Senhora do Carmo</b> Vara de prata do Juiz
Objectos Processionais	<b>Campainha Processional:</b> Campainha que abre o cortejo processional para acompanhar o Santíssimo Sacramento ou Viático usada para advertir os transeuntes.  <b>Cruz Processional da confraria:</b> Cruz usada numa procissão por um membro da confraria, distingue-se da cruz processional por uma fita em tecido à volta do braço da	<b>Espírito Santo</b> Campainha de prata  <b>Santíssimo Sacramento</b> Campainha de prata  <b>Espírito Santo</b> Cruz de prata de meio relevo com manga de veludo carmim, tela, cordões e haste

<sup>47</sup> Idem, Nº 56, p. 131-132

<sup>48</sup> Idem, Nº 19, p. 270

<sup>49</sup> Idem, Receita e Despesa, Nº 9, p. 281

<sup>50</sup> Idem, Confraria do Santíssimo Sacramento, pp. 284-285

<sup>51</sup> Idem, Nº 12, p. 327

<p>Objectos Processionais</p>	<p>cruz, por vezes essa fita aparece presa por baixo do nó da haste da vara.</p> <p><b>Cruz da Paixão:</b> Cruz com representação de objectos da Paixão é utilizada por confrarias penitentes para abrir as procissões da Semana Santa</p> <p><b>Cruz Processional:</b> Cruz utilizada nas procissões ou nos enterros com a figura de Cristo numa das faces e por vezes a Virgem Maria ou um Santo noutra face. Içada sobre uma haste, pode apresentar-se com campainhas e na base um nó e a imagem de S. João e da Virgem num suporte à parte. Pode ser colocada no altar sob uma base – Pé da Cruz.</p> <p><b>Insígnia da Confraria:</b> Emblema em forma de medalhão que os membros da confraria usam à volta do pescoço ou aplicada nos paramentos. A insígnia representa geralmente o orago ou o emblema da confraria.</p> <p><b>Lanterna Processional:</b> lanterna içada sobre uma haste, transportada na procissão para acompanhar o Santíssimo Sacramento ou Viático. Apresenta-se em pares e possui normalmente decoração religiosa. Quando acompanha o viático, a lanterna pode apresentar-se com campainha processional.</p> <p><b>Umbela Processional:</b> Sombrinha transportada nas procissões como sinal de veneração ao Santíssimo Sacramento, ao papa, a um cardeal, um bispo ou a outros altos dignitários do clero. A umbela processional, é de cor branca para o Santíssimo Sacramento, branca ou vermelha para o papa, vermelha ou violeta para o cardeal, violeta ou verde para um bispo e por vezes azul para outros altos dignitários do clero.</p> <p><b>Candelabro Processional ou Tocheiros:</b> Espécie de candelabro com aparadeiras, içado numa vara sem base, usada na procissão para acompanhar o Santíssimo Sacramento ou nas missas solenes, depois do <i>Sanctus</i> até à Comunhão.</p>	<p>Cruz alta para acompanhamento dos irmãos da confraria Cruz de prata com Cristo e Pomba Cruz com haste de prata</p> <p><b>Nossa Senhora da Expectação</b> Cruz grande de prata da procissão</p> <p><b>Santíssimo Sacramento</b> Cruz das procissões de prata</p> <p><b>Nossa Senhora do Carmo</b> Cruz de prata à romana com imagem de Cristo numa das faces e de Nossa Senhora do Carmo na outra Cruz com manga dos defuntos Cruz de latão prateada com vara de prata Cruz de metal com haste de prata</p> <p><b>Espírito Santo</b> Diadema Guardas de costados com insígnia do Espírito Santo</p> <p><b>Santíssimo Sacramento</b> Medalha com custódia de prata da batina</p> <p><b>Santíssimo Sacramento</b> Umbela de seda lisa</p> <p><b>Espírito Santo</b> Tocheiros</p>
<p>Objectos Devocionais</p>	<p><b>Atributos da Imagem Sagrada:</b> Objecto em metal representando um ou mais atributos iconográficos, aplicados numa imagem sagrada ou pertencentes à imagem, permitindo caracteriza-la.</p> <p><b>Resplendores:</b> Objecto que se apresenta em forma de disco, círculo ou meio círculo colocado na cabeça de uma imagem, de um personagem sagrado, vulgarmente a Virgem com o Menino</p>	<p><b>Nossa Senhora da Expectação</b> Quatro Verónicas de prata Pena de prata da imagem de St.ª Teresa</p> <p><b>Nossa Senhora da Expectação</b> Seis resplendores de prata Resplendor de S. Francisco Xavier Resplendor de St.ª Teresa</p>

<p>Objectos Devocionais</p>	<p><b>Paz:</b> Placa de pequena dimensão, em metal com representações religiosas (Crucifixo, Natividade, Sagrada Família) que os fieis e por vezes o celebrante abraçam em sinal de paz. Apresenta nas costas um apoio que serve para expor verticalmente a representação.</p> <p><b>Coroa Devocional:</b> Coroa colocada como ornato na cabeça de uma imagem sacra, geralmente a Virgem e o Menino.</p> <p><b>Coroa Votiva:</b> Coroa oferecida à igreja por um soberano ou um papa, por vezes como Ex-Voto (Coroa Ex-voto) ou como relicário (Coroa Relicário). A coroa votiva está geralmente pendurada por cima de um altar e pode estar associada a uma cruz pênsil. A coroa votiva pode também ser colocada sobre o altar.</p> <p><b>Relicário:</b> Caixa, cofre ou outro tipo de objecto destinado a guardar e expor as relíquias. Existem duas categorias de relicários: os de <b>grande dimensão destinados à exposição da relíquia</b>, vulgarmente localizado no altar (relicário em forma de cofre, caixão, ou caixa imitando a arquitectura de uma igreja; relicário morfológico; cruz relicário; estátua relicário; quadro relicário).</p> <p><b>Relicários portáteis:</b> Pequenos cofres que contêm relíquias ou diversos objectos sagrados. Podem ser colocados dentro dos altares (sepulcro relicário). Habitualmente os relicários apresentam certificados de autenticidade das relíquias. Alguns móveis ou objectos da igreja podem conter relíquias, tornando-se relicários (banqueta relicário, tabernáculo relicário, ostensório relicário).</p>	<p><b>Santíssimo Sacramento</b> Resplendor da imagem do Senhor em folha-de-flandres</p> <p><b>Espírito Santo</b> Paz de prata</p> <p><b>Nossa Senhora do Carmo</b> Duas coroas de prata do Menino e da Senhora Duas Coroas de prata da Senhora</p> <p><b>Nossa Senhora a Grande</b> Coroa de prata</p> <p><b>Santíssimo Sacramento</b> Relicário para as procissões</p>
-----------------------------	---	---

### **As festas e as procissões através da prática dos empréstimos/ aluguer de alfaias litúrgicas**

Por regra os empréstimos da fábrica das confrarias estavam limitados pelos estatutos e ocorriam em situações muito específicas: não se podia proceder a empréstimos de determinado tipo de objecto; limitava-se os empréstimos para fora da igreja Matriz e fazia-se depender do consentimento generalizado dos oficiais da Mesa destas instituições a cedência da fábrica. Contudo, os empréstimos e o aluguer da fábrica das confrarias significavam em muitos casos, dividendos para essas instituições, aparecendo

na documentação dados relativos aos rendimentos auferidos anualmente, pelo aluguer de determinada fábrica.

A documentação estudada, permitiu-nos concluir que a confraria do Espírito Santo era a que mais alfaias litúrgicas emprestava e alugava, não só para as confrarias da Matriz como também para as que se localizavam fora dela e curiosamente para outras instituições como é exemplo a Câmara e alguns particulares.

O quadro seguinte, com base nas informações estudadas da confraria do Espírito Santo, avalia o tipo de peças vulgarmente emprestadas e alugadas, as confrarias e instituições de destino e os eventos a que se destinavam.

### **Empréstimo e aluguer da fábrica da confraria do Espírito Santo**

DATA	TIPO DE PEÇA	CONFRARIA E INSTITUIÇÕES DE DESTINO	EVENTOS
1750-1772	Castiçais Tocheiros Borlas de ouro Ceroferários	Santíssimo Sacramento	Semana Santa.
1751-1771	Tocheiros prateados Castiçais de prata Borlas de ouro Ceroferários	Nossa Senhora da Expectação	Festa da Senhora.
1751 <sup>13</sup>	Castiçais Ceroferários	Igreja Matriz	
1752	Castiçais de Prata	Convento de Vale Pereiras	Solenidade do Senhor.
1754-1767	Banquetas Turíbulos Naveta Tocheiros Castiçais prateados Castiçais de prata	Ordem Terceira	Para a exposição do Santíssimo Sacramento na quinta-feira mor, Semana Santa.
1755-1774	Tocheiros Fábrica proibida	Mordomos das Quarenta Horas	Função das Quarenta Horas
1758-1771	Tocheiro Castiçais Cruz Cálice Ceroferário Turíbulo e Naveta	Almas	Aniversário das Almas.
1766	Tocheiros prateados	<b>Nossa Senhora das Dores</b> (situada na igreja da Ordem Terceira)	Para Exposição do Santíssimo no dia 21 de Março
1766	Tocheiros de prata	Nossa Senhora da Conceição	
1767	Tocheiros	Nossa Senhora do Carmo	
1770	Castiçais Ceroferários	Confraria do Senhor Jesus	

A par da função reservada a cada um destes objectos, de acordo com o cerimonial a que se destinavam, os mesmos constituíam o património simbólico e material das confrarias.

As procissões representavam um paradigma de vivências muito próprias, estas manifestações simbolizavam o elo de intercepção entre o divino atemporal e profano temporal. O espaço, neste caso a igreja Matriz regia-se por um conjunto de regras que tornava o culto num somatório de gestos e práticas que funcionavam com uma orgânica muito própria.

Esse corpo vivo dava sentido e justificava cada um dos objectos que se associavam entre si no interior do templo.

O cerimonial que nos dispomos a analisar é um exemplo bem claro de como o retábulo, a imaginária, o mobiliário, o púlpito e o órgão, as alaias litúrgicas e a paramentaria, funcionavam como um todo integrado em cada momento do espaço e tempo litúrgico.

A cor usada no período barroco era um elemento primordial na visualização simbólica dos suportes retabulares, da imaginária e da paramentaria, consubstanciando e reforçando o efeito cénico do espaço religioso.

A igreja em geral e os altares das confrarias em particular, ornamentavam-se para momentos mais solenes com ricos paramentos seguindo como é óbvio, um quadro simbólico complexo que determinava o tipo de paramento e o seu expoente cromático. Esse quadro evoluía de acordo com as celebrações ou funções do calendário litúrgico e por esse motivo, a cor do paramento seguia uma paleta cromática que ia do branco ao negro, passando pelo roxo, amarelo, vermelho, verde, com especial destaque para o ouro.

Na paramentaria, ao complemento simbólico da cor, correspondia também uma grande variedade nos tecidos usados. Na confecção dos ornamentos e dos paramentos clericais os mais nobres, eram constituídos por tecidos exóticos: damascos, damasco de Itália, brocados, caxemiras, sedas, cetins, veludos, tafetás. Os mais vulgares usavam como matéria-prima o linho e a lã e os mais singulares a holandilha; o chamelote e os cairos.

O tipo de paramento também diversificava, bem como a sua função. Nas grandes áreas reservadas ao templo, armavam-se, penduravam-se e colocavam-se frontais, panos e toalhas de altar; sanefas, panos de nichos, panos de estante, panos de túmulos. Executavam-se painéis e frontais destinados à ornamentação dos altares; cortinas que eram usadas nos arcos, janelas e portas; toalhas para as credências, esquifes, mangas de cruz, ornamentos de púlpitos e pálios. Estes últimos, eram elementos primordiais nas procissões e a sua importância era de tal ordem, que em 1660, assistimos ao caso extremo da confraria do Espírito Santo, aplicar os fundos das missas, para alugar um pálio que se destinava a uma cerimónia sua.<sup>52</sup>

Outro tipo de equipamento têxtil era a genericamente designada por “ornamento” ou “ornato rico”, constituíam peças muito complexas e de elevado preço, disso é exemplo, o impedimento que a confraria do Espírito Santo decretou em 1747, do empréstimo do seu “ornato precioso”, definindo que o mesmo devia ser usado exclusivamente nas

<sup>52</sup> Anexo III, Confraria do Espírito Santo, Nº 5, p. 110

cerimónias do Espírito Santo, estando os mesários que não cumprissem, sujeitos às penas definidas nos estatutos.<sup>53</sup> Outro exemplo refere-se ao ornamento mandado executar pela confraria do Santíssimo Sacramento a 15 de Dezembro de 1759, composto por damasco branco agaladoo com galões de ouro para servir nas funções dos Terceiros Domingos.<sup>54</sup> Destinados exclusivamente às cerimónias da Semana Santa, eram os cortinados de damasco e os ornamentos do esquife de veludo preto que a confraria do Espírito Santo pontualmente emprestava às suas congéneres Santíssimo Sacramento e Senhor Jesus e à Ordem Terceira.<sup>55</sup>

Com uma função específica, os paramentos enquadravam-se nas estruturas arquitectónicas dos templos, eram usados em variados momentos e tempos litúrgicos. A documentação tornou possível relacionar de forma directa paramentos, festas e procissões.

### **Confraria do Espírito Santo, empréstimos e aluguer de paramentos para as procissões e festas do calendário litúrgico**

DATA	FESTAS E PROCISSÕES	CONFRARIAS, ORDENS RELIGIOSAS, ENTIDADE PÚBLICA
1680- 4 de Julho	Festa de São Pedro	Confraria de São Pedro
1688- 11 de Março	Função do <i>Descendimento da Cruz</i> , festa das Almas	Confraria das Almas
1749- 13 de Maio	Semana Santa	Ordem Terceira
1750- 10 de Junho	Festa do Senhor	Santíssimo Sacramento
1751- 29 de Abril	Procissão das Cruzes	Ordem Terceira
1751-13 de Agosto	Ascensão e Assunção	Nossa Senhora a Grande, S. Sacramento
1751-9 de Novembro	Festa da Senhora da Expectação, 21 Dezembro	Nossa Senhora da Expectação
1751- 4 Novembro	Aniversário pelas almas dos irmãos defuntos	Ordem Terceira; Irmandade de São Pedro; confraria de Nossa Senhora Expectação
1751-30 Dezembro	Festa do Senhor Jesus	Confraria do Senhor Jesus
1752- 25 de Maio	Festa de Corpus Christi	Câmara Municipal

<sup>53</sup> Idem, confraria do Espírito Santo, N° 49, p. 129

<sup>54</sup> Idem, Confraria do Santíssimo Sacramento, N° 9, p. 266; N° 64, p. 135; N° 89, p.145; N° 92, p. 146

<sup>55</sup> Idem, confraria do Espírito Santo, N° 55, p. 131

1752- 15 de Junho	Solenidade do Senhor	Convento de Vale Pereiras
1752- 22 de Junho	Festa de São Pedro	Confraria de São Pedro
1752-2 de Novembro	Festa do Aniversário	Ordem Terceira, confraria de Nossa Senhora Expectação
1753- 12 de Abril	Semana Santa	Santíssimo Sacramento
1754- 27 de Junho	Festa do Apostole S. Pedro Festa no Convento de Vale Pereiras	Confraria de S. Pedro Convento de Vale Pereiras
1755- 30 de Janeiro	Solenidade das Quarenta Horas	Mordomos das Quarenta Horas
1755- 15 de Maio	Procissão das Cruzes	Ordem Terceira
1756- 27 de Maio	Festa do Santíssimo Sacramento	Confraria do Santíssimo Sacramento
1758-16 de Fevereiro	Aniversário das Almas	Mordomos das Almas
1760- 20 de Março	Quinta feira Santa Tragédia da Procissão das Capas	Ordem Terceira Reverendo Reitor da Correlhã
1761- 23 de Abril	Festa de São Lúcio, dia 26 de Março	Ordem Terceira
1761- 29 de Outubro	Festa de N. Senhora da Conceição	Confraria de Nossa Senhora da Conceição
1763- 17 de Março	Sexta feira Santa, procissão do enterro	
1766- 20 de Fevereiro	Aniversário das Almas	Mordomos das Almas
1766- 20 de Março	Exposição do Santíssimo	Devotos de Nossa Senhora das Dores
1766- 3 de Abril	Celebração da festa do Cabido Geral da Ressurreição do Senhor	
1766- 11 de Dezembro	Festa de Nossa Senhora da Conceição	Devotos de Nossa Senhora da Conceição
1766- 15 de Dezembro	Festa de N.S. da Expectação, 21 de Dezembro	Confraria de Nossa Senhora da Expectação

1767- 4 de Junho	Festa de <i>Corpus Christi</i>	Câmara Municipal
1767- 26 Setembro	Festa de Nossa Senhora das Dores	Ordem Terceira
1767- 17 Novembro	Festa do Carmo	Confraria de Nossa Senhora do Carmo
1768- 26 de Março	Vésperas Solenes de Corpo de Deus	Câmara Municipal
1769- 14 Dezembro	Dia do Senhor Jesus	Mordomos do Senhor Jesus
1770- 25 de Janeiro	Função de Quinta-feira Mor	Santíssimo Sacramento
1773- 8 de Março	Semana Santa	Confraria de Nossa Senhora da Guia
1733/1734	Festa de Santa Luzia, festa de Nossa Senhora do Rosário de São Bento, festa do Senhor Jesus, festa de São Sebastião, Procissão de Santa Maria Madalena, festa dos Fieis Defuntos, festa de Nossa Senhora das Neves, festa de Santo António, festa da Senhora da Penha, festa de S. João de Deus, festa de <i>Corpus Christi</i> , festa de S. Roque, festa das Pereiras, festa dos Terceiros, festa das Quarenta Horas, festa de S. Pedro o Mártir, festa de Nossa Senhora da Conceição.	
1734/1735- 1735/1736	Festa de São Benedito, Festa de S. Tiago, aniversário de Nossa Senhora da Expectação, procissão dos Passos, Procissão das Cinzas, festa de Santo Estêvão da Facha, festa de S. Sebastião da Igreja, festa de S. Sebastião de Fora, Cruzes da Senhora da Luz.	
1749/1750	Festa de Nossa Senhora da Piedade, Invenção de Santa Cruz Ordem Terceira, Festa de Nosso Senhor dos Passos, Festa de Santo António, festa no convento de Vale Pereiras, festa do Coração de Jesus, festa de Nossa Senhora da Penha, festa de Nossa Senhora do Carmo, festa de Santa Luzia, festa de Nossa Senhora da Conceição, festa do Senhor Jesus, festa das Almas, festa de S. José, festa de <i>Corpus Christi</i> .	

A utilização desses objectos reservados às procissões e festa tinham uma tal importância que, casos houve, em que as confrarias da Matriz se juntaram para dividirem os gastos com ornamentos mais dispendiosos, ou ainda mais elucidativo, definirem como para a prataria sacra, medidas dissuasoras de empréstimos. Todos os estatutos analisados mencionam este tipo de medidas, reforçadas sempre que necessário nos Termos da Mesa das confrarias.

Os objectos litúrgicos, conjugados de acordo com os seus valores funcionais, davam sentido místico aos rituais do calendário litúrgico. O ponto mais alto era a Semana Santa, cujo cerimonial celebrava a Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo. Por isso, apresentava-se com uma estrutura muito complexa ao nível dos rituais que encerrava,

essa estrutura define-se pelos momentos do próprio cerimonial que seguidamente se demonstra.

### **Compêndio de cerimónias da Semana Santa**

À luz do Compêndio de Cerimónias da Semana Santa da Matriz de Ponte de Lima, um manuscrito de 1836, tentámos montar o esquema no qual se inscreviam cada um dos momentos que comportava os rituais da Semana Santa: **Domingo de Ramos**, das **Matinas das Trevas**, **Quinta Feira Mor**, **Sexta Feira Mor**, **Adoração da Cruz**, **Sábado Santo**, **Bênção da Fonte**, **Véspera de Corpus Christi**, **Missa Solene**.

Estes momentos, correspondiam a áreas específicas do templo, quase sempre a capela-mor, outras capelas desempenhavam igual papel de destaque como a do Santíssimo Sacramento e a de Nossa Senhora do Carmo.

Nestas cerimónias o templo estruturava-se de forma a permitir que as componentes decorativas, retábulos e imagens, se revestissem de superior significado, cumprindo a sua mais elevada função servir a divindade. Era frequente as confrarias pagarem a armadores para que os seus altares e retábulos se ornamentassem com a espectacularidade que as celebrações exigiam. A confraria do Santíssimo Sacramento, por exemplo, na sua reunião de 5 de Janeiro de 1744, decide adjudicar a armação da Matriz para as cerimónias da Semana Santa ao armador que garantisse a melhor relação qualidade preço.<sup>56</sup> O preço das armações diferia em função do número de capelas e altares a ornamentar e da cerimónia a que se destinava.

Para o ritual da Semana Santa, todas as capelas da eram preparadas com todo o *ornato*, e *decência*. O mobiliário integrava-se e ajustava-se como qualquer outro elemento ao cerimonial. Vulgarmente existente nas Igrejas, a credência, móvel que servia de apoio ao altar, localizava-se habitualmente junto deste. Sobre este móvel eram colocadas todas as alfaias litúrgicas a serem usadas nas missas.

As alfaias litúrgicas, variavam em número e espécie, destinavam-se a apoiar integralmente a missa e o seu conteúdo funcional era variadíssimo: sacras, turíbulo e navetas para os diferentes momentos do incenso; caldeira para as bênçãos que se faziam, o hissopo para a aspersão; a píxide, os castiçais, o cálice e a custódia, o missal e a sua respectiva estante e a cruz. A par destes objectos, a paramentaria, cuja cor variava em função dos ritmos das cerimónias: verde, símbolo da vida e da esperança, usava-se no ofício do tempo, desde a oitava Epifania até à septuagésima e desde a oitava de Pentecostes até ao Advento.<sup>57</sup>

Roxo, símbolo da penitência, usada fundamentalmente no período Quaresmal, nomeadamente na bênção das Cinzas, na bênção dos Ramos, procissão das Velas, missas da Paixão do Senhor. Esta cor era usada em regra, em todas as procissões, excepto nas do Santíssimo Sacramento, na festa de *Corpus Christi*, nos dias solenes e na Acção de Graça.<sup>58</sup>

Branco, símbolo da pureza, usava-se nas primeiras vésperas das Vigília do Natal, até à oitava da Epifania, exceptuando algumas festas.

<sup>56</sup> Idem, confraria do Santíssimo Sacramento, N.º 3, p. 264

<sup>57</sup> TEIXEIRA, José de Monterroso - Triunfo do Barroco, Fundação das Descobertas, 1991, p. 251

<sup>58</sup> Idem, ibidem, p. 252

Preta, símbolo do luto, e da penitência, esta cor era usada nos paramentos destinados à Sexta Feira Santa e aos ofícios dos defuntos.

Vermelho, símbolo do amor divino e humano, está associada ao martírio e à morte de Cristo e ao Mistério da Eucaristia. É usada na missa da Vigília de Pentecostes até ao fim da missa do Sábado seguinte; nas festas da Paixão, de Mártires, nas dos Santos Inocentes, nas festas dos Santos cujas relíquias se conservam na igreja em que se celebravam estas cerimónias. O vermelho era ainda a cor das festas de Santa Cruz.

A forma e feitio variavam também em função dos suportes a que se destinava o paramento: para adorno de uma determinada estrutura ou como indumentária religiosa, ajustando-se aos cargos eclesiástico, dentro de uma hierarquia que ditava a utilização da ou das indumentárias: celebrante, diácono, subdiácono, acólito, mestre-de-cerimónias, sem esquecer que aos laicos das confrarias, por exemplo, estava-lhes destinada uma paramentaria específica, habitualmente designada por opas, com simbologia adequada à devoção que representavam.

Associadas à simbologia cromática, o clero paramentava-se de acordo com os rituais, entre outro tipo de indumentária, usavam pluvial, casulas, dalmáticas, capa de asperges, estolas e manípulos, sobrepeliz.

O tipo de tecidos era também muito diversificado, a aplicação dos brocados, damascos ou sedas era uma característica determinada pelo tipo de paramento e pela cerimónia a que se destinavam. Por exemplo, a casula, uma das vestes sacerdotais de maior distinção, devia ser de seda e tecido fino com bordados de fio de ouro ou prata, como impunham os regulamentos da Igreja.<sup>59</sup> A capa de asperges era usada nos dias de grande solenidade em que o celebrante da missa, depois de aspergir o altar três vezes, descia até ao transepto da Igreja para benzer os fiéis.<sup>60</sup>

Por fim, as procissões, cerimónias que encerravam uma série de gestos e correspondiam a percursos muito bem definidos, com paragens e andamentos, compreendendo distâncias mais ou menos curtas, mais ou menos extensas - da sacristia para a capela-mor, ou para o púlpito por exemplo, ou do interior para o exterior, à volta do templo, ou em direcção a outras capelas e igrejas, fazendo-se na maior parte dos casos, acompanhar por confrarias, com especial destaque para a do Santíssimo Sacramento.

### ***Domingo de Ramos***

O percurso processional respeitava uma ordem bem definida: à frente seguia o turiferário, o subdiácono com a cruz, que desfilava no meio dos ceroferários, seguia-se o clero e por último o celebrante e o diácono.

Esta procissão correspondia a um percurso que se centrava no interior da Matriz, dirigindo-se posteriormente para o exterior, percorrendo o templo em seu redor.

Quanto às alfaias litúrgicas, determinava o manual as seguintes: Missal que era colocado no lado da Epístola; naveta, colher e turíbulo para o incenso; caldeira de água benta e hissope para a bênção e aspersão dos Ramos. Na procissão, utilizavam-se os turíbulos, cruces e castiçais.

---

<sup>59</sup> TEIXEIRA, Ob. cit. p. 250

<sup>60</sup> Idem, ibidem. p. 252

### ***Das Matinas das Trevas***

Esta cerimónia, estava relacionada com as matinas de quinta-feira que se rezavam na quarta-feira à tarde, era feita no altar-mor, excepto as matinas e as laudes que se rezavam no meio da igreja. O altar era armado com seis velas de cera amarela e um crucifixo colocado entre as velas.

A este ritual assistia o pároco que rezava as matinas e as laudes, o sacristão, os cantores e o mestre de cerimónia.

### ***Quinta Feira Maior***

A procissão era formada dentro da igreja e servia para no fim da mesma se colocar o santíssimo no trono. Uma outra procissão vinha da Misericórdia até à porta da Igreja onde se encontravam os confrades do Santíssimo Sacramento e o pároco que não levava cruz, nem o juiz da irmandade a vara. Formavam-se posteriormente duas alas entre os irmãos da Misericórdia, no meio das quais passava um andor com a imagem do Senhor da Cana-Verde, seguido pelos confrades da confraria do Santíssimo Sacramento.

Uma particularidade da Matriz de Ponte de Lima, segundo o ritual bracarense, consistia no facto de ser a confraria do Santíssimo Sacramento a fazer a procissão em redor da igreja, pelo seu interior, sendo a imagem do Senhor transportado numa custódia ou trono.

### ***Sexta Feira Maior***

O ofício era feito no altar lateral da parte do Evangelho, armado com seis velas amarelas apagadas, no meio das quais se colocava a cruz e o crucifixo, estava este último coberto com um véu preto.

A sacristia era o local do templo por onde saíam os sacerdotes; na capela-mor, do lado do Evangelho estava colocado o pátio.

Os intervenientes desta cerimónia saíam da sacristia, segundo esta ordem: à frente o turiferário, sem turíbulo, depois os ceroferários, sem círios; seguia-se o mestre-de-cerimónias, o subdiácono e o diácono e atrás o celebrante. Compunha este grupo o acólito e os cantores.

### ***Adoração da Cruz***

A procissão abria com os turiferários com os turíbulos e navetas; seguidos pelo subdiácono, com a cruz entre dois ceroferários; seguia-se o mestre-de-cerimónias, por fim os ministros sagrados e o celebrante. A procissão terminava na capela-mor aí, o diácono tirava a custódia do trono entregando-a ao celebrante.

Finalizada a procissão, o Sacramento era colocado sobre a Ara e o Santíssimo de novo incensado.

### ***Sábado Santo***

A preparação da função para este dia respeitava o mesmo princípio da missa solene, com a particularidade de ser feita a bênção do lume à porta da igreja. Outro dos locais do templo que concentrava parte do ritual, era a sacristia e o altar-mor.

Os ritmos da procissão centravam-se nos seguintes trajectos: sacristias até à porta da igreja para a bênção do lume, findo este ritual dirigiam-se para o centro da igreja,

onde se fazia uma paragem, seguindo posteriormente para a capela-mor dando-se início à missa.

### ***Domingo da Ressurreição***

Todos os clérigos juntavam-se ao grupo composto por músicos e por irmãos da confraria do Santíssimo Sacramento. Os ministros sagrados paramentavam-se com os paramentos ricos e os confrades das confrarias com paramentos de cor branca e dirigiam-se à capela-mor. Neste local estava preparado o púlpito que usava na procissão. Esta procissão percorria todas as capelas que tinham em exposição o Santíssimo Sacramento desde quinta-feira, neste percurso pelas igrejas e capelas do termo da vila, ficava de fora a capela de Nossa Senhora da Guia, por ser distante. Regressavam depois à Matriz, onde o pregador subindo ao púlpito anunciava a Ressurreição do Senhor.

### ***Bênção da Fonte***

A cerimónia era feita junto da Pia Baptismal, outra localização desta cerimónia era o altar-mor no qual se celebrava a missa.

O celebrante, diácono, subdiácono, sacristão, acólitos e cantores, participavam no cerimonial, o primeiro usava estola roxa, que substituíra por branca, quando se dava início à missa.

O percurso processional formava-se na sacristia. Daqui partiam em direcção à pia baptismal para iniciarem a cerimónia da *bênção da fonte* e deste local dirigiam-se ao altar-mor para celebrarem a missa.

### ***Vésperas Solenes do Corpus Christi***

O espaço reservado a esta cerimónia era o altar do Santíssimo Sacramento, sendo a sacristia o ponto de partida da cerimónia tal como nos outros momentos. O sacrário e a tribuna estavam no epicentro deste ritual, o primeiro encerrava o Santíssimo Sacramento e o segundo expunha-o.

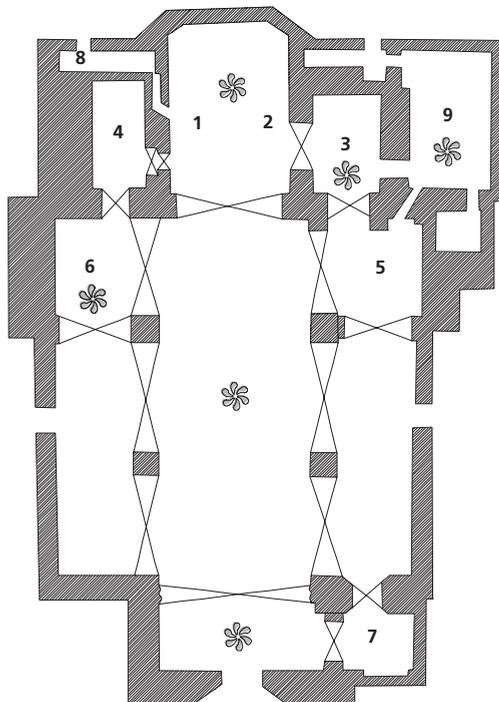
A procissão formava-se no altar do Santíssimo Sacramento e seguia em direcção ao altar-mor, incensando-se o Sacramento, posteriormente formava-se um cortejo em redor do templo, retornando no fim à capela do Santíssimo.

### ***Missa Solene***

Cerimónia bastante complexa do ponto de vista da sua montagem e encenação, mantém contudo características comuns às funções já descritas neste cerimonial. Assim, o ponto de partida da cerimónia era a sacristia, reservando-se a função para o altar-mor. O manual refere a posição e a ordem de entrada no templo dos intervenientes da cerimónia: à frente o subdiácono com o cálice, seguido do diácono com o missal e atrás o celebrante com as mãos levantadas, outros protagonistas eram o mestre-de-cerimónias, os acólitos e os cantores.

Da indumentária usada destaca-se a dalmática e o véu de ombros, mas o detalhe de maior interesse reserva-se aos barretes usados pelo celebrante, ministros sagrados, diácono e subdiácono estes deviam ser tirados ao chegar ao supedâneo do altar caso estivesse exposto o Santíssimo.

Das alfaias litúrgicas que se preparavam para a missa solene, impunha-se o cálice, castiçais, turíbulo e naveta. O altar-mor encontrava-se devidamente armado porque durante toda esta cerimónia o Santíssimo Sacramento estava exposto.



Esquema da Igreja Matriz de Ponte de Lima, Séc. XIX

✿ **Espaços da Matriz de Ponte de Lima contemplados no cerimonial da Semana Santa**

- 1- Confraria do Espírito Santo
- 2- Confraria de Nossa Senhora a Grande
- 3- Confraria do Santíssimo Sacramento
- 4- Confraria de Nossa Senhora da Expectação
- 5- Confraria de Nossa Senhora das Dores instituída no Altar do Senhor Jesus
- 6- Confraria de Nossa Senhora do Carmo  
localizada na capela pertencente a Nossa Senhora da Piedade
- 7- Capela de Nossa Senhora da Conceição
- 8- Sacristia do Espírito Santo
- 9- Sacristia do Santíssimo Sacramento

**Capela-mor**, concentrava a totalidade do cerimonial.

**Capela do Santíssimo Sacramento**, reservada às cerimónias das Vésperas Solenes de *Corpus Christi*.

**Capela de Nossa Senhora do Carmo**, celebrava parte do ritual de Sábado Santo.

**Sacristia**, local do templo por onde entravam todos os intervenientes do cerimonial e de onde partiam os percursos processionais.

**Entrada principal do templo**, destinada ao cerimonial de Sábado Santo e Bênção do Lume.

**Nave Central**, local de paragem de vários rituais e do trajecto processional de Sábado Santo.

Todo o cerimonial traduz com grande riqueza de pormenor, os momentos do ritual da Semana Santa. A carga simbólica e o efeito cénico de todos os objectos e equipamentos artísticos usados, serviam para persuadir o crente de forma emotiva e transcendental.

As procissões integradas nas festas litúrgicas e a parafernália de objectos que a servem, conjugavam-se eficazmente revelando cada uma das partes de um todo que tinha por principal objectivo exaltar a divindade.

Os objectos usados, conjugados entre si, codificados segundo escalas funcionais específicas, para além da nobreza dos seus suportes, continham um grande poder plástico e visual, acentuando o modo marcadamente sumptuoso e ostentatório destas manifestações públicas.

Sumptuosidade e ostentação, que como vimos, nos são reveladas em primeira mão pela dinâmica das confrarias.

As rubricas destas instituições relativas aos gastos com festas e procissões, que incluíam as despesas com as armações de altar, música, sinos, cera, incensos, luminárias, tinham uma tradução importante no seu quotidiano, estes elementos eram essenciais a todo o tipo de cerimónias e representavam uma significativa fatia das suas despesas anuais.

Vive-se um período em que do ponto de vista das mentalidades em geral e da religiosidade em particular, se promove as manifestações exteriores das devoções, que corresponde precisamente à fase de florescimento da actividade artística das confrarias, o que justifica o empenho das mesmas na realização das festas e procissões marcadas por um timbre de espectacularidade, onde pontuava poder e riqueza.

Há ainda que salientar que as festas e as procissões de carácter devocional têm uma acentuada repercussão pública traduzida numa enorme popularidade.

Toda a parafernália da festa barroca, destinava-se a reforçar a mensagem religiosa. Os interiores dos templos ornamentavam-se com uma grandiosidade transcendental; as montagens dos desfiles processionais com as suas representações figurativas, eram imponentes, como impressionante seria a música, os fogos e as luminárias.

As festas, mas sobretudo os rituais processionais, quase sempre de grandes dimensões, aliadas aos majestosos aparatos cénicos que os compunham, transmitiam com profundo significado o valor da devoção, constituindo talvez o mais persuasivo elemento ao serviço da evangelização das comunidades.

